

3

**BITTENCOURT, Júlio Regis. *Memórias de um Engenheiro Naval*. Rio de Janeiro: Serviço de Documentação da Marinha, 2005.**

Os diários e as memórias se constituem em gêneros literários subjetivos e privilegiados que procuram retratar as idéias, as atitudes e as percepções de seus autores num determinado contexto histórico. Como fontes historiográficas primárias os pesquisadores os consideram fundamentais para compreender os fenômenos sociais que cercam o autor, assim como a compreensão de sua estrutura mental, principalmente se esses historiadores estiverem trabalhando com biografias. O confronto com a documentação oficial passa a ser obrigatório, na medida em que se pretende indagar de que forma o escritor percebeu determinada ação ou fato histórico, daí o encanto e a dificuldade em se trabalhar com diários e memórias.

No campo da História Naval britânica, por exemplo, os diários e memórias são comuns. Normalmente um pesquisador procura organizar esses documentos pessoais do memorialista de forma a prepará-los para publicação. Muitas vezes, o próprio autor assim procede. No primeiro grupo conhecemos o caso dos diários de Sir Herbert Richmond, organizados pelo professor Arthur Marder em 1952, assim como o de Peter Kemp, que compilou as cartas e memórias do Almirante Lord Fisher entre 1960 e 1964. No segundo grupo encontramos a autobiografia do Almirante Sir Roger Keyes, por ele mesmo organizada e as muito comentadas memórias do Almirante Sandy Woodward sobre a Campanha das Malvinas de 1982 lançadas dez anos depois.

Na História Naval brasileira os exemplos não são tão freqüentes. Existem, no entanto, livros importantes como as reflexões de Artur Silveira da Motta, com o seu *De Aspirante a Almirante*, de 1906, e as memórias do Almirante Renato de Almeida Guilhobel de 1973. Essas obras não demonstram a importância que o relato memorialista tem para se compreender os caminhos da nova História Naval do Brasil. Nesse contexto o

livro do Almirante Júlio Regis Bittencourt merece destaque.

Júlio Regis entrou para a Escola Naval em 1900 deparando-se com uma Marinha traumatizada pela Revolta da Armada ocorrida sete anos antes. A frustração do autor com o aprestamento naval de então transparece desde o seu primeiro embarque. Um fato, no entanto, logo é percebido: sua admiração por Artur Silveira da Motta, o Barão de Jaceguay, seu diretor na Escola Naval.

Suas memórias podem ser divididas em quatro blocos temporais. O primeiro vai de seu nascimento até a entrada no Royal Naval College, em Greenwich, para obter o grau de *Naval Architect* no ano de 1911. Nesse período, percebe-se um jovem oficial preocupado com sua vida familiar e seus primeiros embarques. Júlio Regis é aí um jovem idealista. O segundo momento nos remete ao período que vai desde a sua chegada ao Brasil até a promoção a oficial-general em 1938, avultando a sua preocupação com o ofício do engenheiro naval entusiasmado e idealista. O terceiro bloco aborda seu tempo como almirante até sua despedida da Marinha, transparecendo, com nitidez, sua grande verve realizadora à frente do Arsenal de Marinha da Ilha das Cobras (AMIC) e seu elevado entusiasmo com os lançamentos de navios ao mar por ele efetuados. Por fim, na última parte, já na reserva, seu discurso é saudosista e melancólico. Transparece aí um Júlio Regis magoado e triste.

Desde as primeiras linhas percebe-se um inconformismo muito grande com a situação em que a Marinha se encontrava no início do século. Sua linguagem é direta, clara e sem afetações. Seu sentido de família e sua afeição por Helena, sua esposa, são sempre mencionados durante todo o seu relato. O autor persegue sempre uma cronologia linear e direta, entremeada por reminiscências que o faz algumas vezes saudosista, natural para um homem que escrevia com quase 80 anos de idade. Importante

destacar que muitos de seus relatos já haviam passado pela própria censura da idade que evitou que o “calor dos acontecimentos” influenciassem suas opiniões. Esse fato, no entanto, não impediu críticas severas a pessoas e situações que continuaram a incomodá-lo, apesar do tempo transcorrido. O que escreveu continuou a ter importância para ele, mesmo com os anos passados.

Dois fatos surgem sempre em seu testemunho. O seu sentido de brasilidade e seu amor incondicional à Marinha. Isto não impede, no entanto, de criticá-la quando conveniente.

Outro grande amor de sua vida foi o AMIC. O Almirante Júlio Regis procurou não só apontar a complexidade de sua idealização, mas principalmente as construções navais realizadas naquele estabelecimento de engenharia da Marinha. Essas realizações foram sua grande alegria e orgulho. Sua dispensa, a pedido, do cargo de diretor, em 1946, foi quase uma tragédia pessoal.

Outra particularidade de suas memórias reside nos tempos verbais inicialmente empregados por ele no manuscrito, as 1ª e 3ª pessoas do singular. O almirante, ao preferir esses dois tempos em vez de uma pessoa somente, procurou se colocar como um observador afastado dos acontecimentos, agindo como um grande árbitro dos eventos por

ele narrados, ou como parte integrante do fato discutido. A preferência seguia por certo sua percepção desfavorável ou favorável do acontecimento. De modo a harmonizar a leitura foi obtida a autorização da família para adotar a pessoa de tratamento mais utilizada pelo autor, “ele”, na revisão final dos manuscritos, fato interessante que em nada reduziu o interesse e a fluidez de sua história.

Seu posicionamento político sempre foi legalista, daí a sua oposição aos tenentes que tomaram o poder em 1930. Isso não impediu que se colocasse contra a deposição de Vargas em 1945, apesar do último ser um produto direto do Tenentismo dos anos 20.

As memórias do Almirante Júlio Regis Bittencourt são um excelente testemunho de como era a Marinha na primeira metade do século XX. Trata-se de fundamental documento para os pesquisadores e historiadores navais se debruçarem, de modo a que possam compreender como o nosso Poder Naval se desenvolveu e cresceu.

Homens como o Almirante Júlio Regis fizeram a Marinha ser aquilo que ela é hoje. Compete aos pesquisadores resgatar esses períodos de nossa História Naval, procurando compreender de onde viemos e por que agimos de determinada forma. Suas memórias são assim muito bem-vindas.